

CAESB adverte que os esgotos podem fazer do Paranoá um pântano

Brasília — O Distrito Federal corre o risco de ver o seu Lago Paranoá transformado em pântano. Esse alerta feito pelo Superintendente da Companhia de Água e Esgoto (CAESB), João Carlos de Siqueira Filho, mostra o grau de poluição do lago, de 40 km² de superfície, situado dentro do Plano Piloto e que é utilizado como área de lazer para todas as classes sociais da cidade.

Cerca de 80% da poluição do lago são causados pelo esgoto sanitário das cidades satélites do Núcleo Bandeirante e Guará até a península dos ministros. Para acabar com o problema, a CAESB necessita de Cr\$ 50 bilhões para, este ano, iniciar o seu programa de despoluição, que prevê a construção de redes de esgoto e ampliação e modificação de suas duas usinas de tratamento.

15 JAN 1984

A poluição

O Lago Paranoá foi criado com três objetivos: recreação, paisagismo e clima. Os dois primeiros correm grande perigo, conforme informou o superintendente da CAESB. Quanto ao clima, a sua interferência foi negada pelo diretor do Instituto Nacional de Meteorologia, Raimundo Mello, para quem o lago não oferece nada em termos de umidade para a população. A umidade de Brasília — que é uma das mais baixas do Brasil, chegando a 13% na estação da seca (agosto e setembro) — é provocada pela chuva e pela vegetação.

O processo de poluição mais grave que vem ocorrendo no Lago Paranoá, apesar dos seus 25 anos de existência, é o da eutrofização, que consiste no afluxo de substâncias nutritivas, principalmente fósforo e nitrogênio. Quando atinge elevado grau, a água fica escura, concentrando massas de algas na superfície, que se decompõem e produzem mau-cheiro, morte de peixes e risco de doenças.

O microorganismo que mais preocupa a CAESB é a alga da espécie *Microcystis-Aeruginosa*, que já em 1978, pela primeira vez, provocou mau-cheiro em todo o Plano Piloto de Brasília. Atualmente, ele é combatido de modo paliativo, através da aplicação de sulfeto de cobre, que, segundo os técnicos, pode provocar outro tipo de poluição, de proporções ainda desconhecidas pelo acúmulo de lodo no fundo do Lago.

As pessoas, explicou o técnico da CAESB, a poluição do lago pode provocar, além do desconforto do mau-cheiro, problemas gastrintestinais, proliferação de insetos e doenças de pele e dos olhos. Com relação à pesca, não existe qualquer recomendação. "Pedimos apenas aos pescadores que evitem as áreas onde são jogados os sulfetos de cobre", disse.

Fauna

A poluição do lago vem de muito tempo. Em 1976, o avançado estágio de poluição levou o Governo do Distrito Federal a firmar documento de cooperação com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), com a participação da CAESB, da Organização Mundial de Saúde, Secretaria do Meio-Ambiente, e dos Ministérios da Saúde e das Relações Exteriores, para o desenvolvimento de estudos e pesquisas sobre o Lago Paranoá.

Conclui-se, à época, pela necessidade de construção do Laboratório de Limnologia, que criou condições para permanente observação e avaliação da qualidade da água do Lago Paranoá, identificando os tipos de microorganismos que ocasionam a poluição.

Apesar do problema, o Lago Paranoá ainda apresenta sinais de vida. Cerca de 230 espécies de aves, que emigram do Alasca e Canadá, e algumas raras, como o macuquinho — só encontrado em Brasília — estão habitando o lago. Os jaburus, por exemplo, segundo explicações do ecólogo Álvaro Negret, devem ter vindo da América do Norte, pois são migratórios. Outros inquilinos, há vários anos, são as capivaras, jacarés, as garças brancas, biguás e socós.

Sem se importar com a poluição, um grupo de pesquisadores do IBDF — Bráulio Dias, Benedito da Silva Pereira e Álvaro Negret — apresentou um projeto ao Governo do Distrito Federal, criando um refúgio da fauna silvestre ao longo do Lago Paranoá. O objetivo, segundo eles, é preservar a fauna, além de criar uma opção de lazer e de pesquisa para a população de Brasília.